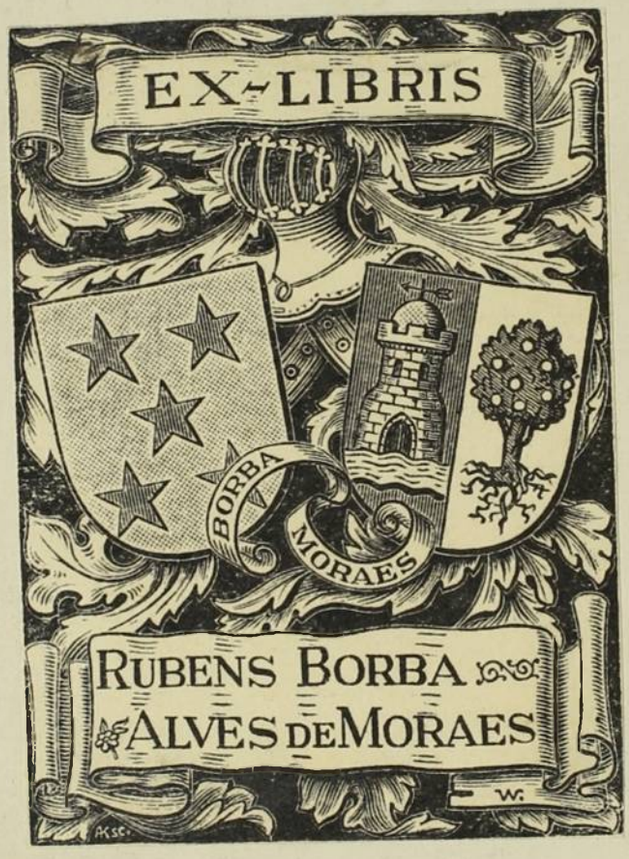

P 401

ORAÇÃO FUNEBRE

RECITADA
POR OCCASIÃO DAS EXEQUIAS QUE FEZ CELEBRAR
A SOCIEDADE PORTUGUEZA DE BENEFICENCIA DE CAMPOS DOS GOYTACAZES,
PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO,
NA CAPELLA DA VENERAVEL ORDEM TERCEIRA
DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO, DA MESMA CIDADE,
EM SUFFRAGIO ÁS ALMAS DE

SUA MAGESTADE FIDELISSIMA

O SENHOR

D. PEDRO V

REI DE PORTUGAL E DOS ALGARVES

E DE

SEU AUGUSTO IRMÃO

O SENHOR

DOM FERNANDO

No dia 17 de Janeiro de 1862

POR

Joaquim Pereira Jorge Guaraciaba

PRESBYTERO SECULAR.

Docete me, et ego tacebo : et, si quid forte ignoravi, instruite me.

Job, Cap. 6, v. 24.

RIO DE JANEIRO
TYP. DO COMMERCIO, DE BRITO & BRAGA
TRAVESSA DO OUVIDOR N. 17
1862

Á SUA REAL MAGESTADE

O SENHOR

D. FERNANDO II

Regente do Reino-Unido de Portugal e dos Algarves.

SENHOR!

O coração de Vossa Magestade, como o de um verdadeiro Pai, se acha profundamente magoado pelos soffrimentos dolorosos por que, infelizmente, acaba de passar! Não devo por isso aggravar ainda mais essa ferida aberta no coração de Vossa Magestade, revolvendo a memoria desses tão funestos acontecimentos. Digne-Se, porém, Vossa Magestade, acolher este meu pequeno trabalho, primeiro neste genero, como prova de admiração do immenso amor que Vossa Magestade tão dignamente consagra a Seus Augustos Filhos.

Pelo mais reverente servo de Vossa Magestade,

O Padre *Joaquim Pereira Jorge Guaraciaba.*

ORAÇÃO FUNEBRE.

Risus dolore miscebitur, et extrema gaudii luctus occupat.

Parabola de Salomão, Cap. 14.º V. 13.

Eis aqui, Senhores, bem patente na Parabola de um grande Rei de Israel, o que verdadeiramente se apresenta ante os nossos olhos. Eis aqui uma definição bem clara do que é a vida, e do que são os prazeres mundanos. Ao lado desses prazeres — sempre a tristeza, ao lado desses risos — sempre as lagrimas, ao lado da vida — sempre a morte!

Hontem erão as galas, as pompas, as vaidades humanas; hontem um povo elevava suas preces ao Altissimo pelo bem que acabava de lhe outorgar; hoje as lagrimas succedem a essa hosanna d'ante-manhãa, hoje o crépe mortuario substitue ao ouro e á purpura, hoje o fumo negro, como noticiador lugubre das galas de hontem, cobre esse Throno, em que se-assentava a sabedoria e a virtude!

Hoje esses funereos brandões, esses psalmos entoados pelos Sacerdotes do Altissimo, esses canticos sagrados, de algum modo testificão aos nossos olhos, demonstrão á nossa piedade, que um homem pertence á eternidade! *Risus dolore miscebitur, et extrema gaudii luctus occupat.*

Os sentimentos que vejo pintados em vossos semblantes, essa dôr que opprime vossos corações, essas lagrimas que

pendem de vossos olhos me dizem que não chorais sómente a perda de um pai, de um irmão e de um amigo, mas sim a de um Monarcha, que era ao mesmo tempo — vosso pai, vosso irmão e vosso amigo! Triste realidade, Senhores! Verdade bem cruel e bem amarga!

Portugal, aonde estão as tuas louçanias? Aonde se escondeu esse prazer immenso que se pintava em teu semblante, quando vias sobre o teu Throno esse Rei-joven, esse Rei-modelo, que fazia respeitar o Throno de seus avós? Ainda hontem choravas a perda da Rainha adorada, da Rainha-mãi, da Rainha que era o idolo de seu povo, e já hoje te-cobres de novo lucto? Terá por ventura pairado sobre o teu Throno o Anjo exterminador? Serão os teus Reis, como outr'ora forão os Achabs, os Antiochos, os Caligulas e os Neros?.... O crepitar d'esses brandões funereos, este templo coberto de lucto, esse mausoléo em que se-suppõe descansar um cadaver, só me-respondem — Morreu o Rei! Sim! ahi estão os factos que nos confirmão, factos que nos revelão que é morto o Monarcha Portuguez — O Senhor D. Pedro V — de gloriosa memoria!

Como são incomprehensiveis os decretos da Providencia! E quem, Senhores, censurará ao Rei por ir conversar com Deus longe do mundo e dos homens? Ninguem por certo; mas já que assim é, cumpramos com o nosso dever, e erguendo um pouco o crépe funerario que envolve suas cinzas, façamos justiça á sua memoria.

Um dia, Senhores, a cidade de Lisboa apresentava-se risonha e prazenteira; dos paços regios sahia uma nova que enchia de alegria a todos os corações — essa nova era o nascimento de um Principe que seria o herdeiro do Throno de Affonso Henriques. Não preciso lembrar-vos o dia 16 de Setembro do anno de 1837, porque elle ficára gravado no coração dos bons e leaes Portuguezes; e nem preciso tambem dizer-vos, que esse Principe era o Senhor D. Pedro V. O delirio patriotico que ferveu em todos os labios, essa onda d'alegria que se elevou aos Céos, como um cantico de jubilo, não pre-

ciso tambem descrever-vo-los, porque ainda devem palpitar em vossos corações.

Ao lado de uma carinhosa Mãi e de um Pai sabio e virtuoso medrou essa vergontea, que teria um dia de continuar a robustecer o Throno Bragantino. Em breves annos o Senhor D. Pedro V começou a provar o seu raro talento, tanto nas sciencias philosophicas, como nas exactas. Porém quando, embalado pela esperança, julgava ainda poder abraçar uma doce Mãi que lhe servira de modelo em seus poucos annos, o Anjo da morte arrancou-lhe para sempre esse Ente querido. A' essa epocha de prazeres succedeu o lucto, as esperanças murchárão-se como as flores em um sol de estio; tinha perdido a melhor das Mãis, a sua melhor amiga!

E quem foi esse, que ousou arrebatar do gremio augusto a Mãi desvelada, que ainda ha pouco cobria de beijos seus filhos, e magnetisava com sua candura, com seus desvelos e com suas caricias, essas porções de seu coração? Quem foi esse que cobrio de lucto todas essas galas, todos esses beijos maternaes, todas essas effusões de prazer? Deus, Senhores! Deus, que nos quiz mostrar na morte da Mãi Soberana o braço de sua omnipotencia!

Aos olhos do Senhor D. Pedro V se apresentava então um espectaculo triste e ao mesmo tempo encantador. De um lado a Mãi carinhosa, que em breve teria de desapparecer de suas vistas; de outro o povo portuguez, o povo grato aos desvelos da Mãi-Soberana, que depositava suas esperanças no Filho de sua Augusta Rainha. Era preciso resignação! E Elle tinha um coração bastante grande para suffocar as lagrimas, e amparar a seus subditos. Elle bem podia dizer como o Rei-propheta: *In tribulatione mea invocavi Dominum, et ad Deum meum clamavi.* (*)

As portas do Templo de S. Vicente de Fóra abrirão-se para receber o augusto cadaver da Senhora D. Maria II, de gloriosa memoria.

Se quizerdes saber as lagrimas e os prantos que derramou

(*) Ps. de David, cap. 17, v. 7.

o povo por sua Soberana, perguntai-o á essa massa compacta que acompanhou o cadaver ao real jazigo — ella vos responderá.

Tinha-se passado um véo sobre todos estes pezares, e o Senhor D. Pedro V é a 15 de Novembro do anno de 1853 acclamado Rei de Portugal e dos Algarves; porém em razão de sua minoridade passão as redeas do governo para as mãos de Seu Augusto Pai, o Senhor D. Fernando II.

Amante do verdadeiro culto á intelligencia, querendo estudar os diversos meios de, nas artes, na marinha, na industria e no exercito tornar o seu paiz feliz, ou feliz o seu reinado, emprehende uma viagem á França, Inglaterra, Italia, Belgica, Hollanda e á Austria.

Ahi é cumprimentado por diversos Soberanos, que admirárão no Monarcha um genio precoce, uma intelligencia robusta. Nada escapa ao seu talento, avivado pela boa vontade. Os diversos costumes estrangeiros são praticamente estudados; a combinação exacta de certos principios Lhe demonstra o aperfeiçoamento d'esta ou d'aquella ideia. O Vaticano, o Quirinal, a Basilica de S. Pedro e outros monumentos artisticos da Italia, que attestão o aperfeiçoamente das artes, são visitados pelo joven Monarcha.

Depois de duas viagens, Elle volta a Portugal no meio das saudações populares, e a 16 de Setembro do anno de 1855 toma as redeas do governo. Os festins ruidosos, o unanime consenso dos povos, e as felicitações de todos os Monarchas, Lhe-confirmão que Elle é o Rei de Portugal! Sobre a sua cabeça é collocada uma Corôa, sobre os seus hombros uma toga real, e nas suas mãos um Sceptro. Como Rei Catholico,— Elle diz comsigo: esta Corôa tornar-se-ha de espinhos se eu não fôr bom Rei — esta toga pesará sobre os meus hombros se eu não procurar a felicidade de meus subditos — este Sceptro converter-se-ha em brazas, se eu não fizer justiça! — Parece, Senhores que estas reflexões calárão bem no espirito do Senhor D. Pedro V. Como filho dilecto de Portugal, Elle procura logo a felicidade para o seu povo.

O seu pensamento quotidiano é robustecer o espirito militar. Apparece inopinadamente nos quarteis, procura estudar todas as necessidades, Elle proprio examina-as, inquire, conversa com os seus soldados.

Todas as innovações militares são logo por Elle estudadas, e mandadas pôr em pratica.

Verdadeiro cultor das lettras, de seus labios parte sempre esta expressão: — que a primeira felicidade de um povo basêa-se em sua educação. Assim, Elle renova os estudos elementares, crêa novas cadeiras, examina as escolas, dá novas garantias áquelles que se prestão á esta difficil missão, e não contente com isso, funda uma escola em Mafra, onde Elle é o Pai dos pobres meninos, e onde passa horas esquecidas nas lides afanosas do ensino. Ahi verieis o bom Rei distribuindo os premios a esses pobres orphãos, com aquellas palavras cheias de uma animação toda intellectual: verieis e pasmarieis de contemplar esse quadro augusto e tocante!

Os pobres mancebos, tambem faltos de meios necessarios para continuação de cursos superiores, encontrão no Rei um verdadeiro collega, que lhes estende a mão com pensões mensaes.

Um dos periodos mais gloriosos do reinado do Senhor D. Pedro V, e onde Elle captou o verdadeiro amor de seus subditos, foi na quadra da terrivel epidemia que assolou Lisboa. O quadro era medonho; as ruas achavão-se desertas, familias inteiras erão raptadas por esse terrivel flagello, que só deixava após de si o lucto, o pranto e a desolação. Os hospitaes estavão cheios de moribundos, que entravão a cada instante. O Senhor D. Pedro V, semelhante ao ministro da religião que dirige o balsamo da consolação, percorre dia e noite os hospitaes. Aqui Elle proprio é quem subministra os meios necessarios para combater tão terrivel mal, ali é Elle ainda quem dirige ao moribundo as palavras da vida eterna. Não O procureis nos aposentos reaes, porque El-Rei já d'ahi se mudou. Os hospitaes, as casas des-

tinadas para o tratamento d'essa peste, são o seu aposento. El-Rei não dorme, El-Rei véla. E aprouve a Deus, que Elle não succumbisse a tão grande peste, apezar do contacto quotidiano com esses moribundos. E' porque Elle tinha comprehendido o fim sublime da Magestade, e que o dever de um Rei nas calamidades é permanecer junto de seus subditos. E' porque Elle sabia que praticando assim os deveres de caridade, servia a Deus, que O tinha soccorrido desde o seu nascimento. *Hæc dicit Dominus faciens et formans te, ab utero auxiliator tuus; noli timere, serve meus Jocob, et rectissime, quem elegi* (*).

O Senhor D. Pedro V, com estes predicados tão augustos, e muitas vezes impossiveis de se encontrarem n'um só Monarcha, precisava de um coração que unido ao seu podesse ainda tornar mais feliz o seu povo. Deus Lhe deparou um anjo de candura e bondade. E' na casa de Hohenzolern Sigmaringen, que Elle encontra esse anjo, que podia com Elle preencher taes desejos. A Senhora D. Estephania Hohenzolern Sigmaringen, descendente de Tassilão, que fôra Duque de Baviera, une-se em matrimonio por procuração na cidade de Berlin, a 29 de Maio do anno de 1858, com o Senhor D. Pedro V, Rei de Portugal. Dias ao depois o Castello de S. Jorge annunciava a entrada da Augusta Rainha de Portugal na cidade de Lisboa. Todas as ovações, e todos os respeitos forão consagrados a tão virtuosa Senhora. A Senhora D. Estephania ao depois fazia com seu joven Esposo as delicias de um paiz para quem mutuamente vivião. O amor immenso que consagrava á sua Esposa, e os desvelos que Ella empregava em corresponder a esse amor, fazião destes dous anjos o mais perfeito modelo dos esposos.

Porém mal pensava o Senhor D. Pedro V, que esses prazeres serião em breve trocados pelo lucto, e que esse anjo de bondade e candura seria arrebatado de seus braços para ir reinar com Deus no Céo !

Depois de quatorze mezes de uma perfeita união, Sua

(*) Isaias, cap. XL IV, v, 2.

Magestade recebe o golpe fatal da perda de tão Augusta Esposa. O dia 17 de Julho de 1859 marca então uma epocha funesta na pagina da sua vida. Vivião em tão perfeita união esses dous Augustos Esposos, que o proprio El-Rei, escrevendo ao Duque da Terceira, se exprimia deste modo : — Que ella tinha um coração para a terra e um espirito para o Céo.

Essa magua profunda tambem achou lugar no coração dos fieis Portuguezes.

O Senhor D. Pedro V desde esse tempo tornou-se triste e melancolico. Deos arrebatára-Lhe a sua Esposa, mas era preciso entretanto crer e esperar. Resignado como verdadeiro filho da Religião do Crucificado, onde unicamente se póde achar consolação a dôres tão profundas, o Senhor D. Pedro V continúa a procurar as prosperidades para o seu Reino. Animar os meios de facil communicação, um dos melhoramentos essenciaes para o desenvolvimento material de um paiz, continúa a ser o pensamento d'El-Rei, e as estradas de ferro tomão grande desenvolvimento.

Lança a emulação no seio das artes e industrias, e é em seu Reinado que tem lugar a 1ª Exposição, sendo alguns productos mandados para a de Paris, e ahi obtido premios honrosos.

A pena de morte, essa lei terrivel das Nações menos cultas, e adoptada infelizmente por algumas Nações civilisadas, foi como que abolida praticamente em seu Reinado. Nunca El-Rei confirmou uma pena de morte, e como que por encanto não apparecêrão crimes que merecessem tal pena.

Religioso, Crente das verdades da religião, de que era um forte propugnador, procurava mantel-a com aquella dignidade devida a tão digno objecto. Vivia assim Sua Magestade no meio de seu venerando Pai e de seus queridos Irmãos. Algum tempo ao depois a Infanta a Senhora D. Maria Anna, e mais tarde a Infanta a Senhora D. Antonia partirão para Allemanha com seus Esposos ; a alegria desta real familia desappareceu um pouco, as saudades apertárão corações

tão queridos. A separação destas duas Princezas contristou com particularidade os Infantes, os Senhores D. Fernando e D. Augusto. O Senhor D. Pedro V, que estimava verdadeiramente a seus Irmãos, querendo distrahi-los desta separação, levou-os a uma excursão no Alem-Tejo. Os rigores de sóes ardentes, as chuvas continuas, o cansaço, o terreno empregnado de miasmas, tudo concorreu para que os Augustos Viajantes soffressem a ponto de voltarem a Lisboa atacados de febres paludosas. O mal dos dous Infantes aggravou-se a tal ponto, com particularidade no Senhor D. Fernando, que no dia 5 de Novembro do anno de 1861 rendeu sua alma a Deus. El-Rei, que já se achava com muitas esperanças de salvar-se, sabendo da morte de seu Irmão, e julgando-se causador d'ella, teve um novo accesso que o tornou sem esperança alguma de salvação.

El-Rei estava em perigo; o povo, sabendo de tão triste noticia, ora corria a Palacio para saberde sua preciosa saude, ora aos Templos para supplicar a Deus pela vida de tão Augusto Monarcha.

Mas Deus ja tinha-o escripto no seu livro eterno, e no dia 11 de Novembro do anno de 1861, pelas 7 horas e meia da tarde, Sua Magestade, depois da recepção dos Sacramentos, falleceu no meio de um povo para quem vivêra, depois de um reinado de oito annos!

Dispensai-me, Senhores, de traçar aqui o doloroso quadro dos tormentos que soffre o desventurado Pai, o Senhor D. Fernando II, pela prematura morte de seus Augustos Filhos. Um era Rei, outro não o era, mas ambos erão seus filhos, e a ambos elle tinha lançado suas bençãos paternaes. Muitos de vós sois Pais, e está em vossos corações avaliar taes sentimentos!

Parece, Senhores, bem cruel, que os Portuguezes mimoseados com este fructo de bençãos, quando principiavão a gosar das preclaras e illustres direcções d'El-Rei, — Elle fosse arrebatado de suas vistas!

Parece bem cruel, mas não compete a mim, temerario,

sondar os imperscrutaveis mysterios da Providencia. Quiz Deus chamar estes dous anjos para o Céo, antes que as suas candidas azas fossem manchadas na sentina desse mundo só de vaidades!

Senhor! como é horrivel entranhar-nos no mundo do espirito, quando vemos deceparem-se uma por uma as esperanças que tinhamos nesta vida!

Mas coragem, Senhores! porque se Deus chama estes Anjos para seu reino é para que elles lá sejão os nossos defensores!

Cumpre-nos resignar-nos e curvarmo-nos ante os seus soberanos decretos, e rogarmos a Deus pelo descanso eterno do Infante e do Rei.

Não nos importemos com a morte, que pallida e macilenta nos diz — Morreu o Rei! porque a memoria do Rei fica gravada em nossos corações!

Morreu o Rei! mas o Rei no Céo pede a Deus pelos seus subditos cá na terra, e diz como o psalmista « *Vide humilitatem meam, et eripe me: quia legem tuam non sum oblitus.* (*)

Morreu o Rei! mas os seus subditos resignão-se, porque crêem que elle recebe os justos premios de suas virtudes.

Eis, Senhores, o dogma consolador desta vida d'amarguras! Eis tambem em um momento transformadas em lucto tantas esperanças, tantas alegrias, tanto amor!

Eis as vaidades humanas, eis o riso misturado com a dôr, e o lucto assentando-se nos ultimos lugares do prazer. *Risus dolore miscebitur et extrema gaudii luctus occupat.*

Eia, meus irmãos! ajoelhemos junto ao tumulo do Infante e do Rei — de nossos labios sáia uma prece para Deus, embora humedecida na lagrima da saudade, mas que essa prece seja tão pura, como puros são n'este momento os nossos sentimentos!

Senhor Deus de Abrahão, de Isaac e de Jacob, vossos olhos piedosos sobre as faltas do Infante e do Rei, se é que faltas elles tiverão n'este mundo.

(*) Ps. Res. V. 153.

u 2122
EE
1957
4.800
(1.922)
fisha
000601